

## Inger Andersen É preciso pensar na natureza de outra forma

Diretora do Pnuma defende a biodiversidade contra os cinco cavaleiros do apocalipse: mudança do clima, poluição, espécies invasoras, superexploração dos recursos naturais e, o maior de todos, a conversão de florestas para agricultura

Por Daniela Chiaretti — De Montreal (Canadá)

Valor, 16/12/2022

---



Inger Andersen destacou que a COP 15 em Montreal têm de resultar em mais recursos para a preservação dos ecossistemas — Foto: World Economic Forum/Jeffery Jones

A economista dinamarquesa Inger Andersen, diretora-executiva do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), diz que “é fundamental entender que mais recursos têm que aparecer sobre a mesa”, ao avaliar o resultado que se espera para a COP 15, a conferência sobre biodiversidade que acontece em Montreal e está em sua reta final.

“Mas também é fundamental que países que têm subsídios negativos, que destroem a natureza, consertem isso em casa”, alerta. Um dos pontos de debate da COP 15, que negocia o Marco Global da Biodiversidade (GBF, na sigla em inglês), é eliminar subsídios nocivos à natureza e reconvertê-los em fonte de recursos para ajudar na preservação e no uso

sustentável dos recursos naturais. Uma das propostas, defendida por um grande grupo de empresas, é eliminar US\$ 500 bilhões ao ano destes incentivos a partir de 2030. Isso pode abranger tanto combustíveis fósseis como agrotóxicos.

A diretora do Pnuma acredita que é preciso ampliar o leque de doadores, mas que os países do Sul, com mais biodiversidade que os do Norte, têm razão ao dizer que não é possível ter novas metas de preservação sem recursos.

Ela diz que há “cinco cavaleiros do Apocalipse da biodiversidade”, e que este quadro pode ser revertido: mudança do clima, poluição, espécies invasoras, super exploração dos recursos naturais e, o maior de todos, a conversão de florestas para agricultura.

“Precisamos pensar na natureza de um modo diferente”, diz ela. “Não apenas na floresta tropical, mas no nosso quintal, na varanda, no parque da cidade, na paisagem do escritório, nos lugares onde pescamos. Porque é o jeito como interagimos com a natureza que precisa mudar”, diz.

Andersen diz acreditar que o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva “não voltou ao poder para lutar as pequenas batalhas, mas as grandes, e isso também no contexto do clima e da biodiversidade. Isso significa, no contexto nacional, claro, a Amazônia (o combate ao desmatamento), os direitos (de povos indígenas e comunidades tradicionais) e também falar de financiamento para o Sul global”.

Nesta entrevista ao **Valor**, dada no Palais de Congrès, em Montreal, onde acontecem as negociações, ela diz que “há grandes oportunidades para lidar com a proteção da natureza” e adianta os próximos passos do processo global que negocia um acordo sobre o fim da poluição plástica. A seguir, os principais trechos da entrevista:

**Valor:** *O secretário-geral da ONU António Guterres diz que a humanidade está em guerra com a Natureza. O Marco Global pode ser um jeito de fazer as pazes?*

**Inger Andersen:** Acho que ele está completamente certo e eu repeti suas palavras. Essa é a nossa chance, esse marco global é nossa chance. Temos cinco fatores que estão pressionando a Natureza. Um é a mudança do clima, o outro a super exploração de recursos como na pesca ou na madeira, por exemplo. Outro é a poluição e o quarto, espécies invasoras. Mas o maior de todos, que está causando grande perda de biodiversidade, é a conversão da terra. A fragmentação dos biomas. Mudamos a forma original dos ecossistemas em algo diferente. Isso acontece através de rodovias e projetos de infraestrutura, convertendo florestas em agricultura, etc.

**Valor:** *A senhora diz que são os cinco cavaleiros do apocalipse da biodiversidade.*

**Andersen:** Sim. Mas também são completamente corrigíveis. Fazendeiros precisam trabalhar na terra para alimentar você e eu, são amigos da natureza. Não são inimigos. O que temos é encorajá-los e incentivá-los a fazer a coisa certa. Hoje estamos subsidiando muito fortemente coisas erradas. De modo similar, temos que construir infraestrutura com a natureza e não contra ela. Precisamos de casas, cidades, estradas, ferrovias. Vamos fazer isso de um jeito inteligente. Também precisamos pensar na natureza de um modo diferente.

**Valor:** *Como?*

**Andersen:** Não só na floresta tropical, mas no nosso quintal, na varanda, no parque da cidade, na paisagem do escritório, nos lugares onde pescamos. Porque é o jeito como interagimos com a natureza que precisa mudar. O Marco Global da Biodiversidade oferece um caminho pelo qual podemos estabilizar e reverter a perda de ecossistemas, de espécies e da diversidade genética.

O Marco Global oferece um caminho pelo qual podemos estabilizar e reverter a perda de ecossistemas”

**Valor:** *A senhora está otimista em relação às negociações?*

**Andersen:** Não sou otimista ou pessimista, sou determinada. Isso quer dizer que não vamos parar. Vamos trabalhar o máximo possível para conseguir um acordo ambicioso, que possa ser implementado, financiado e que irá apoiar quem precisa de apoio, como os países pobres, mas também irá estabilizar e reverter a perda da natureza. Isso é o que precisamos e o que é crítico. É complexo, há muitos colchetes no texto (sinal diplomático que mostra desacordo), mas é meu papel apelar e perguntar porque as pessoas estão aqui. Foram mandados pelos governos, ou melhor, pelas pessoas de seus países para consertar o problema. E é isso que têm que fazer.

**Valor:** *Por que a meta de preservar 30% dos ecossistemas é importante?*

**Andersen:** Há 22 artigos, um é esse. Não dá para escolher um. Isso é um pacote. Alguns focam na meta de 30% apenas. Ok, mas precisamos ver a poluição sendo reduzida, redução na conversão de terra, menos subsídios danosos ao ambiente, melhor manejo de espécies invasoras, ação em mudança do clima. Cada um desses elementos contribui para a perda da biodiversidade.

**Valor:** *Mas há foco nos 30%.*

**Andersen:** Sim, porque há 12 anos, em Nagoia, no Japão, o mundo concordou com 20 metas. Uma delas dizia que em 2020 tínhamos que ter 20% de ecossistemas marinhos protegidos e 17% em ecossistemas terrestres. Estamos perto, mas não chegamos lá ainda. Agora, para conseguirmos estabilidade, a natureza precisa de mais esforço, para ficar estável. Os cientistas, então, dizem que é preciso chegar a 30%. Mas todas as metas importam e não é um menu onde você escolhe um. Precisamos de todas essas metas para estabilizar o sistema terrestre.

**Valor:** *A senhora vê resultados possíveis, aqui em Montreal, para o sequenciamento genético de recursos, o que se chama pela sigla DSI?*

**Andersen:** Bem, há negociação acontecendo. DSI, por exemplo, é um tema bem complexo. Mas parece que está caminhando. Talvez tenhamos uma abordagem dupla para o tema dos recursos genéticos, bilateral e multilateral. Mas ainda não está nada decidido.

**Valor:** *E em finanças?*

**Andersen:** Em finanças acho que é fundamental entender que mais recursos têm que aparecer sobre a mesa. Estou encorajando todos os doadores e os que devem se tornar doadores, porque há mais países que poderiam se tornar financiadores. Ao mesmo tempo, é fundamental, que países que têm subsídios negativos - que destroem a natureza - consertem isso em casa. Não se pode esperar que fluxos de recursos se há pontos negativos que estão jogando o tema da biodiversidade para debaixo do tapete. É claro, que o Sul global está dizendo de modo inequívoco: Não nos fale sobre metas e ambição se não houver meios de implementação. Então, metas mais ambiciosas de preservação da Natureza e recursos são parte do equilíbrio que será preciso encontrar.

**Valor:** *O que a senhora espera do novo governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva?*

**Andersen:** Eu estava na COP 27, no Egito, quando o presidente eleito Lula chegou e foi recebido como um rock star. Foi abraçado por lideranças indígenas e visto como uma pessoa muito popular. Acredito que não voltou ao poder para lutar as pequenas batalhas, mas as

grandes, e isso também no contexto do clima e da biodiversidade. Isso significa, no contexto nacional, claro, a Amazônia (o combate ao desmatamento), os direitos (de povos indígenas e comunidades tradicionais) e também falar de financiamento para o Sul global. Creio que há grandes oportunidades para lidar com a proteção da natureza. Fiquei feliz em ver que há um acordo de aliança entre o Brasil, o Congo e a Indonésia, que o presidente Lula disse que apoia. (um memorando foi divulgado no encontro do G20, em novembro). São regiões com florestas tropicais muito importantes e que têm interesses em comum. Acho que se aprendemos algo em observar Lula na outra gestão, é que ele é muito habilidoso em construir alianças. A ideia de ter três grandes países do Sul global trocando experiências é muito interessante. Isso pode resultar em movimentos de manejo florestal futuro, mas é preciso entregar os compromissos climáticos também. Temos que ver novos fluxos financeiros, e creio que Lula será uma grande voz para este tema, junto com outras vozes. O Brasil é muito conhecido por seus pesquisadores e ativistas em biodiversidade. E creio que há oportunidade de engajar em novos debates, como o de plásticos. Estou ansiosa para fazer uma visita ao Brasil quando for adequado.

**Valor:** *Sobre o acordo de plásticos, como está o processo? Houve um encontro agora, em Punta Del Este, no Uruguai.*

**Andersen:** A assembleia ambiental Unea-5 (organizada em Nairóbi, no Quênia, pelo Pnuma), em março, fez uma decisão histórica e unânime entre 193 países. Decidiram que o mundo iria iniciar uma negociação de um acordo, uma convenção, um tratado, o que for, para lidar com a poluição plástica em toda a cadeia de produção. Também se decidiu que haveria cinco rodadas de negociação do Comitê de Negociação Intergovernamental (INC). Antes de se ter uma convenção, por exemplo, o que se tem é um INC. Também se deu um prazo de dois anos para fazer este trabalho. A reunião há poucos dias no Uruguai foi a primeira, com 1,5 mil pessoas presentes e outras mil virtuais. Muitos ativistas, lideranças indígenas, pessoas de empresas, governos e ONGs.

**Valor:** *O que foi acertado no encontro no Uruguai?*

**Andersen:** Nós, do Pnuma, fizemos dez relatórios para ajudar com a informação para o processo - desde os procedimentos de outros acordos, definições (sobre o que quer dizer reciclagem, químicos, transparência). Os negociadores têm que concordar sobre o que essas palavras querem dizer, antes mesmo de começar. Também sobre o estágio do financiamento, da ciência de plásticos. Houve discussão sobre isso. Definiu-se também que o Peru irá hospedar três rodadas e o Equador as últimas duas. O Peru irá trabalhar em elementos de um texto para o próximo encontro.

**Valor:** *E o que pode conter este texto do acordo de plásticos?*

**Andersen:** Bem, ainda tem que ser escrito. Mas está claro que tem que cobrir tudo, não apenas a reciclagem, mas toda a produção. Sabemos, pela experiência com o Acordo de Paris, que ter metas (como limitar o aquecimento em 1,5°C) ajuda. Vamos ver como podemos moldar algo. Mas no meio termo, nós do Pnuma, estamos encorajando todos os países a agirem para reduzir o uso de plásticos, para reciclar mais, para encontrar alternativas, em medidas legislativas para reduzir, reusar, reciclar e recusar. Há muito que pode ser feito e pode trazer valor ao o que hoje é descartado. Hoje, por exemplo, temos uma tendência de usar tudo líquido, e tudo vem em embalagens plásticas. Quando cresci usávamos sabão em barra. Talvez possamos mudar algumas dessas coisas. Assim como não usar plásticos de uso único, que podemos reduzir. Aqui no Canadá, há poucos meses o país banuiu canudos plásticos. No Quênia, onde vivo, o uso de sacolas plásticas de uso único foi banido há quase dez anos. Todos os países podem agir, e rápido.

**A jornalista viajou à COP 15, no Canadá, a convite da Avaaz**